

ALGUNS EFEITOS DA NÃO CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DOS PADRÕES SILÁBICOS DO INGLÊS POR FALANTES BRASILEIROS

Anilda Costa Alves
Jackeline Freitas de Sousa
Leônidas José da Silva Jr.

*Universidade Federal da Paraíba – anildacosta16@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba - jackelinefreitas521@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba – leonidas.silvajr@gmail.com*

Resumo

A consciência fonológica (CF) corresponde à capacidade que o indivíduo tem de operar sobre os sons da língua de modo consciente. Ao não ter CF numa segunda língua como o inglês, é normal que os padrões fonológicos da língua materna (LM) sejam transferidos durante a materialização da L2, seja de forma oral ou escrita. O não entendimento das distinções entre as estruturas linguísticas leva o aluno a compreender a fonologia da LM como universal. A CF se dá em níveis distintos e a sílaba corresponde a um desses níveis. Ter consciência dos padrões silábicos da L2 envolve a capacidade de reconhecer as combinações de sons possíveis de ocorrer na sílaba, pois essas combinações mudam de língua para língua. O fato de não ter conhecimento que as consoantes plosivas [p, t, k, b, d, g], por exemplo, poder ocupar a posição de coda na sílaba do inglês, acarreta em um desvio muito comum por falantes brasileiros que inserem uma vogal de apoio na tentativa de enquadrar ao padrão silábico do português brasileiro (PB). O presente trabalho visa averiguar os desvios ocasionados pelo não desenvolvimento da CF no nível silábico do inglês como L2, como também apontar algumas atividades que venham amenizar tais processos. O trabalho foi realizado numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental I da cidade de Guarabira-PB. Para a metodologia utilizamos dados orais e escritos. As análises acústicas foram realizadas no programa computacional *PRAAT* onde após comprovados os fenômenos sugerimos que uma maior atenção seja dada aos aspectos fonológicos e não apenas aspectos gramaticais, sendo aqueles a base das línguas.

Palavras-chave: Consciência Fonológica, Padrões silábicos, Língua Inglesa.

Introdução

Ao tentar utilizar uma língua estrangeira, como o inglês, alunos brasileiros utilizam sua primeira língua, o português brasileiro (PB – doravante, L1), como suporte para tentar compreender e fazer uso da L2. Essa falta de conhecimento das distinções dos aspectos fonético-fonológicos pode trazer insatisfação numa situação em que o aluno precise utilizar essa língua para se comunicar.

A esse tratamento da língua alvo seguindo os mesmos padrões da língua materna (L1→L2), dá-se o nome de transferência fonológica (TF). O conhecimento de processos como as TF por parte de profissionais que ensinam uma língua estrangeira é importante para obtenção de resultados eficazes no processo ensino-aprendizagem, visto que desvios antes tratados simplesmente como

erros, onde não se tinha a preocupação de descobrir e tratar o problema podem ser explicados e tratados de forma eficiente através de atividades que venham amenizar alguns desses fenômenos.

Nas quatro habilidades em que precise fazer uso do inglês, *listening*, *speaking*, *Reading* e *writing*, o aluno transfere de sua L1 todos os padrões na produção da L2. Diante disso, Akamatsu (2002); Erdener e Burnham (2005); Zimmer e Alves (2006) e Alves (2012) discorrem em seus estudos acerca dessas dificuldades vividas por esses aprendizes e lançam algumas alternativas que podem amenizar tais ocorrências, como por exemplo, a aplicação de atividades levando o aprendiz a pensar conscientemente acerca dos aspectos fonético-fonológicos da L1 e da L2.

Silva Jr (2014), ao defender o *listening* como sendo a habilidade que antecede aspectos morfosintáticos, afirma sua contribuição para um ensino de pronúncia mais efetivo, na tentativa de desenvolver no aluno a consciência fonológica e suavizar fenômenos como a TF, levando o indivíduo a ter um contato maior com os padrões antes ignorados da L2.

Em nossa pesquisa, buscamos investigar como os alunos reagem ao se depararem com palavras do inglês que apresentam segmentos não licenciados pela estrutura silábica do português brasileiro (PB) que são as consoantes oclusivas em posição de coda. Desta forma busca-se comprovar ou não se a L1 é de fato a ferramenta que os alunos utilizam no tratamento da L2, bem como discorrer sobre a importância de desenvolver no aprendiz níveis de consciência fonológica em L2.

Alves (2012) aponta que ao se propor a estudar uma L2, o indivíduo não vem vazio, traz consigo a bagagem linguística da L1. Sendo o mesmo capaz de segmentar os sons da L1, poderá ser capaz de fazer o mesmo na L2 desde que haja consciência das distinções fonológicas entre as duas línguas.

Tarone e Bigelow (2005) apontam que o fato do aprendiz ser alfabetizado na L1, exerce uma vantagem no processo de aquisição da L2, visto que o estudo formal garante uma maior sensibilidade aos detalhes linguísticos da língua, já tendo tomado assim a mesma como objeto de estudo.

Porém determinados sons não correspondentes entre duas línguas distintas precisam ser notados. Alves (2012) nos diz que é preciso haver um estranhamento por parte do aprendiz para que então venha possuir a capacidade de manipulação sobre sons que não compõem seu inventário fonológico. Nesse nível, em que ocorre o estranhamento, o aprendiz é capaz então de perceber que entre ambas as línguas existem distinções sonoras.

Para o processo de CF em L2, os termos refletir e manipular são atividades indissociáveis. Refletir envolve então a capacidade de notar os sons da L2, percebendo as diferenças entre os dois sistemas. Esse conhecimento pode ser implícito ou explícito do ambiente fonológico em que figuram esses sons.

Já o processo de manipulação envolve operar sobre esses sons através de atividades como segmentação, apagamento, transposição etc.

Vale ressaltar aqui o que o autor, Alves (2012), considera como reflexão. Para ele, essa noção vai além de notar os sons distintivos entre L1 e L2. O sujeito consciente é capaz de julgar sua produção e a produção do outro em relação à proximidade ou não do falar nativo. Nesse estágio, o aprendiz é capaz de reconhecer as diferenças entre a produção nativa e o que pode ser produzido por um falante de L1. Esse reconhecimento recebe o nome de *notice the gap* (notar a diferença) apontado por Ellis, (1993).

A capacidade dos aspectos da consciência fonético-fonológicas da L2 envolve:

- Distinção dos sons da L1 e L2;
- Notar as diferenças de produção do aprendiz e da língua-alvo, levando-o a julgar assim as próprias dificuldades durante o processo de aquisição;
- Manipular aspectos da L2 que não figuram na L1.

Portanto, assim como na L1, a CF em L2 se dá em diferentes níveis. São eles:

- **Consciência dos padrões silábicos da L2**

Em L2, a consciência silábica envolve a capacidade que o indivíduo possui de reconhecer e manipular padrões fonotáticos da língua. Padrões fonotáticos são segmentos possíveis de ocorrer numa sílaba. Ex: br pode ocorrer no português em palavras como braço, brasileiro etc, mas rb não é um segmento possível de ocorrer numa mesma sílaba. Da mesma forma, o aprendiz deverá ser capaz de julgar determinados padrões fonotáticos possíveis de ocorrer na L2. Esse nível inclui também capacidade segmentar as sílabas.

Uma vez que o indivíduo tem conhecimento dos padrões silábicos da L2, fenômenos de TF, como a epêntese vocálica, o objeto de nosso estudo, tendem a ser amenizados.

Uma estratégia de ensino que o autor aponta como exercício para trabalhar a consciência nesse nível, seria levar os alunos a silabar palavras da L2 a fim de corrigir adaptações que eles certamente farão, trazendo para os moldes da L1.

- **Consciência no nível das rimas da L2**

Nesse nível o aprendiz é capaz de apontar segmentos que rimam. Esse nível se desenvolve muito cedo na L1, começando a se desenvolver inclusive antes mesmo da alfabetização, no entanto, de acordo com Akamatsu (2002), como o inglês possui um sistema ortográfico opaco, o estudante de inglês como L2 terá muita dificuldade de manipular sobre esse nível caso não seja submetido antes de tudo a habilidades orais.

A língua inglesa não apresenta uma regularidade grafo-fônica, isso quer dizer que podemos encontrar palavras – ou seja, itens lexicais - que não apresentam correspondência ortográfica, no entanto podem apresentar rima silábica, onde apresentam a mesma sonoridade desde o núcleo da sílaba, que é a vogal, até o fim do léxico, isso ocorre devido o inglês ser uma língua com ortografia opaca. Por exemplo: fine [fain] – sign [sain]. Os dois itens lexicais não apresentam correspondência ortográfica, no entanto apresentam rima silábica, pois os elementos constituintes desde o núcleo até o fim do léxico possuem correspondência sonora.

Nesse caso, o autor aponta que é interessante o professor desenvolver atividades que tenham o caráter oral/escrito, pois levarão o aprendiz a perceber essa não regularidade grafema-fonema da língua inglesa.

- **Consciência dos fonemas da L2**

Nesse nível o aprendiz é capaz de reconhecer os sons não distintivos da L2. Uma das maiores dificuldades do aprendiz nesse nível é a de não perceber esses sons da L2 e produzi-los encaixando num padrão sonoro semelhante da L1.

Um bom exemplo disso são as fricativas interdentais /θ/ (surda) e /ð/ (sonora) que não fazem parte do inventário fonético do português brasileiro. Isso dificulta muito para o aprendiz no momento da aquisição. Ao ouvir as palavras da língua inglesa com esses sons, o aluno vai buscar no seu inventário fonológico o som que mais se aproxima. Esses sons são geralmente substituídos por /t/, /d/, /s/, /z/, /f/, /v/.

Esse nível corresponde à capacidade que o indivíduo possui de reconhecer sons não distintivos da L2 (alofonia). Um exemplo de alofonia no inglês corresponde à aspiração das plosivas desvozeadas. A alofonia nesse caso acarretará numa falha na produção do aprendiz em

relação ao falar nativo, porém isso não levará a uma distinção de significado, podendo assim não prejudicar no processo comunicativo.

- **Consciência dos sons não distintivos na L1 e distintivos na L2**

Nesse nível o aluno é capaz de identificar sons que são distintivos na L2, mas que são alofones na L1, como vimos, por exemplo, na seção anterior a respeito dos sons /t/ e /tʃ/. Em português esses sons não terão caráter distintivo, representam apenas variações dialetais, entretanto no inglês a troca desses sons levará a distinção de significado.

É importante que durante o processo ensino-aprendizagem o professor desenvolva atividades que possam despertar no aprendiz uma maior sensibilidade aos níveis de CF abordados acima a fim de amenizar produções com TF.

Esperamos com essa pesquisa mostrar que o ensino de uma L2 não pode ser resumido apenas a abordagem de estruturas morfossintáticas. O aluno deve ser exposto antes de tudo a habilidades orais, contemplando aspectos fonético-fonológicos, fazendo-o perceber distinções entre sua língua e a língua-alvo, para que não venha a tratar a L2 seguindo os mesmos padrões da L1.

Metodologia

A pesquisa constitui-se de uma análise qualitativa e foi desenvolvida numa escola particular localizada na cidade de Guarabira-PB.

A intervenção aconteceu numa turma de 4º ano do ensino fundamental I composta por 18 alunos.

Após autorização da direção da escola, fizemos um reconhecimento da turma. Ao sermos apresentados pela professora, realizamos com os alunos algumas brincadeiras no intuito de deixá-los à vontade com a nossa presença.

Anunciamos aos alunos que faríamos uma gravação com eles a fim de avaliarmos se eles conheciam ou não algumas palavras em inglês. Todos ficaram empolgados e logo se prontificaram a participar.

Apresentamos algumas palavras em *slides* aos alunos e pedimos que os mesmos lessem as palavras que estavam sendo mostradas de forma clara e sem pressa, uma de cada vez. As palavras

apresentadas foram: *club*, *book*, *cap*, *dad*, *cat*, *dog*, todas contendo segmentos oclusivos em posição de coda.

Um a um fizemos as gravações utilizando gravador *Zoom H1 Handy Recorder 200m* dentro da sala de aula. Os alunos se sentiram muito felizes em contribuir conosco e não tivemos problemas em relação a possíveis barulhos que pudessem comprometer a qualidade da gravação. Após coletados, fizemos análise acústica dos dados no programa computacional *PRAAT* versão 5.3.10.

Resultados e discussões

O fato do aprendiz não compreender que os padrões silábicos do inglês são diferentes dos padrões silábicos do PB acarreta em TF.

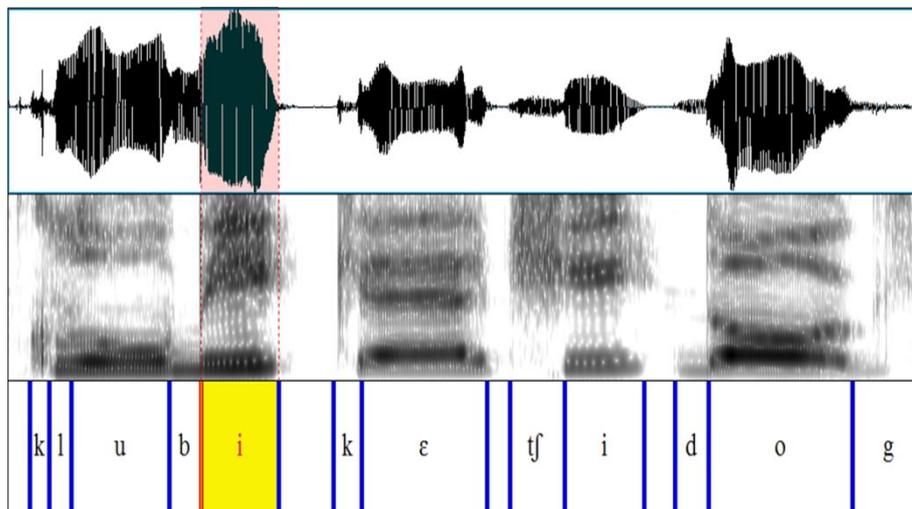


Figura 1: produção das palavras *club*, *cat* e *dog*

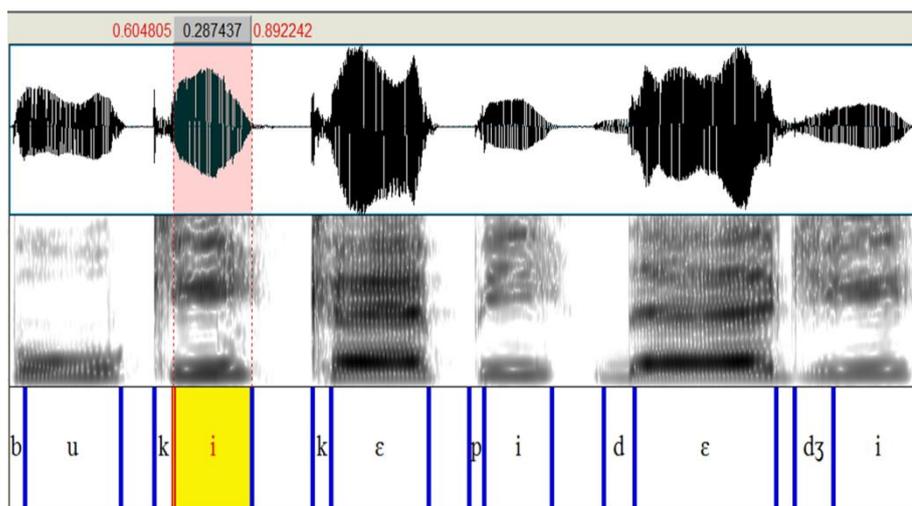


Figura 2: produção das palavras *book*, *cap* e *dad*.

Polivanov (1931) afirma que cada língua possui uma restrição de estrutura. Ele classifica essas restrições como discrepâncias. As discrepâncias quantitativas ocorrem quando o indivíduo vai buscar na sua língua uma adequação silábica, como por exemplo, a inserção das vogais de apoio, segmentos muito comuns quando por exemplo um falante brasileiro está em processo de aquisição do inglês e pelo fato do PB ser sensível a oclusivas em posição de coda, é comum termos produções como [buki] para [buk] – book, essa inserção reestrutura a sílaba aos moldes do PB, consoante/vogal, CV.

Outro tipo de discrepância apontada pelo autor são as discrepâncias qualitativas. As discrepâncias qualitativas são mais sutis, diferente das discrepâncias quantitativas, não há mudança no tempo, pois o enquadramento se dá num mesmo período de tempo, apenas há a mudança na característica sonora de um segmento.

Ao se deparar, por exemplo, com um fonema que não faz parte do sistema fonológico de sua língua, é comum que o indivíduo, de forma inconsciente, busque na sua língua um fonema mais próximo daquele a que foi exposto. O autor ainda aponta que a percepção de fala é criada a partir da experiência linguística do ouvinte, portanto quanto maior o repertório linguístico ao qual o ouvinte for exposto maior facilidade terá de identificar fonemas e estruturas silábicas diferentes da sua língua materna.

Em nossos resultados podemos comprovar a existências das discrepâncias quantitativas, visto que nossos informantes ao tentar reestruturar a sílaba do inglês, seguindo os mesmos padrões do português brasileiro, de maneira geral, inserem a vogal de apoio, epêntese vocálica, fazendo com que as palavras antes monossilábicas passem a ser dissílabas devido à presença da vogal.

Obtivemos como produção [klubi] ~ [klʌb]; [keti] ~ [kæt]; [dog] ~ [dɒg]; [buki] ~ [buk]; [kɛpi] ~ [kæp] e [dɛdʒi] ~ [dæd]. De todas as produções, apenas na palavra *dog* não foi constatada a presença da vogal de apoio. A comprovação dessas vogais podem ser acusticamente identificadas devido à presença dos formantes F1 e F2 no espectrograma, como também pela presença da F0.

Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) em seu estudo sobre fonética e fonologia do PB afirmam que todos os falantes possuem uma intuição da maneira como os sons da fala se

organizam. Essa intuição é colocada de forma explícita em exemplos como esse que ocorreu em nossos dados, que ao colocar o aprendiz em fase inicial diante de uma palavra estrangeira que não apresenta uma estrutura silábica própria do PB, com consoantes em posição de coda, faz uma reestruturação silábica seguindo os moldes silábicos da sua língua materna, inserindo núcleos na sílaba para obter o padrão CV.

O fato dos alunos não compreenderem que pode haver distinções entre as línguas leva a hipótese de que os padrões fonológicos de sua língua são universais e isso os leva a não se diferenciarem fonemas ou estruturas silábicas diferentes da sua língua materna, corroborando assim as palavras de Polivanov (1931) quando afirma que a percepção acústica se dá baseada na experiência linguística que o falante possui.

É importante, no ensino de uma segunda língua levar para o aprendiz esse conhecimento que pode ser aperfeiçoado através de atividades que o façam desenvolver a consciência fonológica em L2.

Considerações finais

Conforme pudemos comprovar, o não conhecimento dos padrões silábicos do inglês leva os alunos a reestruturarem a sílaba seguindo os moldes do PB. Podemos concluir sobre a importância que deve ser dada ao ensino do inglês levando em consideração os aspectos fonético-fonológicos. Fica evidente o papel do professor como meio de levar o aprendiz a ter conhecimento de tais aspectos, levando-os a perceber que a L1, PB, não segue necessariamente os mesmos padrões da L2, inglês, para otimização no processo ensino-aprendizagem.

Através dos dados obtidos na pesquisa, foi possível perceber que o PB é a ferramenta que os estudantes utilizam para tratar a língua inglesa, seja no contexto escrito ou falado e que a carência do estímulo acústico, recurso pouco explorado em sala de aula, contribui de forma significativa para realização de processos de TF.

Esperamos com essa pesquisa mostrar a relevância de tais conhecimentos no ensino de inglês como L2, visto que ao saber o porquê de determinados desvios dos padrões fonético-fonológicos, fica mais fácil encontrar uma solução que venha na menor das possibilidades, amenizar tais problemas. Assim, tendo em mãos essa capacidade, o profissional levará para o aprendiz a possibilidade de adquirir um melhor desempenho no sistema comunicacional da L2, corroborando o pensamento de Vasseur (2015) ao afirmar que no processo de aquisição da L2 é

importante compreender como o indivíduo aprende para que assim o profissional possa compreender o desenvolvimento da competência em interagir em L2.

Referências

AKAMATSU, N. *A similarity in word-recognition procedures among second language readers with diferente first language background*. *Applied psycholinguistics*, v. 23, p. 117-133, 2002.

ALVES, U. K. *Consciência dos aspectos fonético-fonológicos da L2*. In: *Consciência dos Sons da Língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores da língua inglesa/org*. Regina Ritter Lamprecht; Ana Paula Blanco-Dutra...[et al.].- 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

ELLIS, R. *The structural syllabus and second language acquisition*. *TESOL Quartely*, v. 24, n. 1, p. 91-113, 1993.

ERDENER, V. D.; BURNHAM, D. K. *The role of audiovisual speech and orthographic information in nonnative speech production*. *Language Learning*, v. 55, n. 2, p. 191-228, 2005.

POLIVANOV, E. (1931) *The subjective nature of the perceptions of language sounds*. In E. Polivanov, *Selected Works. Articles on General Linguistics* (compiled by A. Leont'ev), pp. 223-237. The Hague: Mouton.

SEARA, I.C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA Jr, L. J. Anais do IV ENID, 2014. *O ensino de pronúncia na formação do aluno de letras: contribuições da habilidade "listening"*. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/anais.php>. Acesso em 08 de março de 2015.

TARONE, E.; BIGELOW, M. *Impacto of literacy on oral language processing: implications for second language acquisition research*. *Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge, v. 25, p. 77-97, 2005.

VASSEUR, M-T. *Aquisição da L2: compreender como se aprende para compreender o desenvolvimento da competência em interagir em L2. In: Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística.* Alessandra Del Ré (org.). – 2. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

ZIMMER, M. C; ALVES, U. K; *A produção de aspectos fonéticos-fonológicos da segunda língua; instrução explícita e conexãoismo.* In: Revista Linguagem & Ensino. V. 9, n.2, p. 101-143 jul./dez.,2006.